

Mulheres modernas? Representações femininas na literatura chick-lit e as questões contemporâneas de gênero

Maria Laura Albernaz Pereira¹, Lucía Silveira Alda^{1*}
Orientador(a)*

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Rio Grande. Rio Grande, RS

O gênero literário chick-lit é um subgênero da ficção contemporânea que aborda aspectos da vida de mulheres modernas, como carreira, relações afetivas e autodescoberta, geralmente com uma linguagem leve e bem-humorada. Apesar de amplamente aceito entre o público feminino, esse tipo de narrativa é criticada por reforçar estereótipos de gênero e restringir a diversidade de experiências, priorizando protagonistas brancas, cisheterossexuais, de classe média e moradoras de grandes centros urbanos. Diante das discussões atuais sobre gênero, interseccionalidade e feminismo, é importante refletir sobre como essas obras constroem ou questionam normas sociais. Isto posto, este estudo tem como objetivo analisar as representações de personagens femininas na chick-lit, com base em referenciais teóricos de gênero. A metodologia utilizada inclui uma revisão bibliográfica de estudos críticos sobre gênero, sexualidade e chick-lit. Em seguida, foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa em obras publicadas nos últimos trinta anos, selecionando os best-sellers em um recorte de cada quinquênio e focando nas representações femininas. As personagens foram analisadas quanto à construção de identidade, papéis de gênero, escolhas de vida, relações pessoais e afetivas, independência, submissão e subversão ou reforço de estereótipos. A linguagem e os diálogos também foram considerados para entender como perpetuam ou desafiam normas sociais. Todas as obras analisadas foram escritas por mulheres brancas, de classe média-alta e originárias de países de língua inglesa, refletindo uma visão restrita do que significa “ser mulher” marcada pela experiência branca, ocidental e de classe média. Esse recorte, à luz das críticas de bell hooks e Lélia Gonzalez, evidencia a lógica colonial que privilegia certas vozes femininas e silencia outras. As sete protagonistas são invariavelmente mulheres brancas, urbanas, de classe média, vivendo narrativas centradas no amor heterossexual. A partir da performatividade de gênero percebe-se a reprodução de estereótipos que vinculam o valor social feminino às relações afetivas. Não há personagens negras ou lésbicas, e os poucos homens gays aparecem de forma caricata, ligados ao universo da moda. Apesar de pequenas mudanças nas obras mais recentes, como protagonistas independentes, tais avanços permanecem superficiais e restritos, sem romper com padrões hegemônicos de raça, gênero e classe, reforçando o arquétipo da mulher branca, heterossexual, cisgênero e de classe média, distante da diversidade real. Torna-se essencial, portanto, recorrer a perspectivas de gênero e interseccionalidade para ampliar a leitura crítica do chick-lit, valorizando autoras e personagens negras, latino-americanas e periféricas. A incorporação dessas vozes tensiona a hegemonia eurocêntrica e promove representações mais plurais e decoloniais, em sintonia com a noção de amefricanidade de Lélia Gonzalez.

Palavras-chave: Literatura chick-lit; Gênero; Representação feminina.